

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 562	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jerus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	19900	6950	120	I DE AGOSTO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	8000	120		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	29500	9800	120		



CHRONICA OCCIDENTAL

A Revista do Anno, quando é bem feita, bem representada e bem apresentada, constitue um dos espectaculos mais divertidos, mais alegres que eu conheço em theatro.

E comprehende-se bem que seja dos mais divertidos porque além de tudo mais, tem a virtude rara de rejuvenescer o espectador, de por momentos o fazer voltar atraz na sua vida, tornar a viver uns dias que já vivera, e ter de novo umas commoções que já tivera, e que muitas d'ellas, por ventura, estavam já archivadas no rol do esquecimento.

A todos os acontecimentos mais ou menos ruidosos da vida social, a esses acontecimentos que por qualquer circumstancia cahiram no dominio publico, e pertencem á chronica, ao noticiario, á revista, á historia, prendem-se sempre acontecimentos da nossa vida intima, casos perfeitos ente particulares que não dizem respeito a mais ninguém, alegrias e tristezas, estados da alma, sentimentos, pensamentos, acções, que dormem muitas vezes a somno solto no fundo da nossa memoria e que são recordados pela resurreição d'esses acontecimentos no tablado d'um theatro.

E por isso com as revistas do anno dá-se um facto psicologico interessante; uma pessoa entra no theatro, senta-se no seu logar para assistir á representação d'uma peça e sem querer achase a assistir a dois espectaculos:—um que se exhibe no palco, outro que se vae desenrolando dentro da nossa alma, a vida do anno, que o auctor resuscita com mais ou menos graça, com mais ou menos habilidade nos doze ou quinze quadros em que divide a sua peça, a nossa vida durante os 365 dias d'esse anno, que é resuscitada na nossa memoria pela exhibição d'esses factos.

E' claro que quando esses factos são apresentados com critica acera-

da, com allusões picantes, com ditos engraçados, o interesse da revista augmenta com o valor do commentario, do mesmo modo que, quando a revista é mal feita, quando a massada vem metter-se por entre a exhibição d'esses factos e estirar-se em longas tiradas de philosophia soporifera e de moralidade rhetorica, o interesse diminue, mas como no fundo, precisamente porque esse interesse não depende unicamente do valor dos factos apresentados, nem da importancia do seu commentario, mas sim das recordações que em nós esses factos despertam e que a elles se ligam intimamente, as revistas, mesmo as peiores, as mais mal feitas, tem sempre o condão de attrahir as attentões do publico e de viver no palco uma vida muito mais longa, que a das peças d'outro genero, que desagradam e que pouco sobrevivem a esse desagrado.

O trabalho do auctor da revista se é mal feito cae, não se aguenta de per si, mas aguenta-o ainda durante noites, fal o viver ainda certo tempo essa collaboração intima das reminiscencias individuaes, que cada um dos espectadores leva para esse spectaculo.

Ora com a revista, em scena no theatro da Trindade, e a que nos referimos a correr na nossa ultima chronica não se dá esse caso, porque é bem feita, porque é interessante e divertida só por si, e porque além da habilidade notavel de Sousa Bastos para este genero muito especial de litteratura dramatica o *Sal e Pimenta* está posta em scena com muito luxo e representada primorosamente até nos seus papeis mais pequenos e menos importantes.

Uma revista de anno bem feita não é trabalho de facil execução. A maneira de coordenar os factos do anno e de os apresentar ao publico tem difficuldades enormes, que só um homem de theatro sabe vencer.

Não basta ter espirito ás mãos cheias, talento ás carradas, para vencer essas difficuldades, e o *fiasco* ruidoso d'uma revista feita por dois dos escriptores de mais talento e de mais espirito que tem havido na nossa litteratura contemporanea, Guerra Junqueiro e o chorado e querido Guilherme d'Azevedoahi está a demonstral-o.

As revistas de anno exigem, além de tudo grande intuição theatral, conhecimentos muito especiaes dos processos scenicos para evitar o terrivel escolho do genero:—a monotonia na apresentação dos acontecimentos, a agglomeração dos factos, que, empastados não produzem effeito algum e dão a sensação d'um amalgama confuso, que em vez de divertir o publico o irrita e o fatiga.

Sousa Bastos é de ha muito mestre festejado n'este genero de trabalhos. Tem uma longa pratica além de possuir como rarissimos dos nossos dramaturgos o instincto do theatro.

Ha dezoito annos—já n'esse tempo Sousa Bastos tinha cinco revistas todas muito applaudidas e victoriadas—escrevendo eu a respeito d'elle, n'um jornal que nós ambos tinhamos fundado em companhia de Salvador Marques, Pedro Vidoeira e Augusto Teixeira de Mello,—o *Con-*



O NOVO SULTÃO DE MARROCOS, ABD-EL-AZIS

temporaneo—dizia que se Sousa Bastos trabalhasse mais a larga para o theatro, se não fosse pelas exigencias da sua vida, obrigado a ser quasi que um improvisador theatral, para arrancar ao seu trabalho os meios de subsistencia e pudesse pensar e escrever com vagar as suas peças, seria um dos nossos primeiros auctores dramaticos.

Hoje, em 1894, conservo a respeito de Sousa Bastos a mesma opinião, que tinha em 1876.

Não conheço talento mais bem dotado para o theatro que o d'elle, e a prova é o successo enorme, que tem alcançado quasi todos os seus trabalhos, apesar de serem todos elles feitos a correr, de afogadilho, pensados simultaneamente com as mil preocupações d'um director de theatro, escriptos sobre o joelho, nos intervallos dos ensaios.

A revista *Sal e Pimenta* é para mim mais uma assombrosa manifestação do enorme talento theatral de Sousa Bastos, porque sei, e sei porque vi, as circumstancias anormaes em que estava o seu espirito, precisamente na occasião em que era necessario escrever a revista, e escreve-a sem delongas, sem addiamentos, porque os primeiros quadros estavam já a ensaios, as vistas a pintar, o guarda-roupa a fazer.

Sei perfeitamente, que o publico e a critica não teem nada que ver com isto, e que em frente d'uma obra d'arte qualquer, a critica só tem que ver com essa obra e não com as condições em que ella foi produzida.

Mas se a critica não tem que attender a estas particularidades quando aprecia uma obra de per si, tem que attender a ellas quando aprecia o autor e a sua obra em geral, e é do auctor precisamente que eu estou fallando.

A revista, da Trindade, considerada só por si, independentemente das circumstancias em que foi escripta, é uma revista boa, divertida, interessante, embora não seja igual ás melhores de Sousa Bastos. Conhecendo estas circumstancias é um verdadeiro *tour de force* que prova a pujança d'aquelle brilhante talento.

A idéa mãe da revista é magnifica, d'uma alta e graciosa critica. O auctor inventa um reino chamado da Honestidade, em que toda a gente é tão honesta, tão honrada, que a vida é d'uma sem-saboria medonha.

Os habitantes querem ser um bocadinho patifes para se distraírem, mas não podem ser porque não sabem.

Apparece um espirito diabolico, o gentil Fridolino, que vai levar áquelle Paraíso a sciencia do bem e do mal, sobre tudo do mal, que o bem sabiam elles até á indigestão, e oferece aos habitantes da Honestidade um balão para emprenderem a viagem até ao Reino do Papelorio, a estudar os costumes e a doutorarem-se na pouca vergonha.

Entre os habitantes da Honestidade ha um mais arrojado que se atreve a ir fazer essa viagem exploradora e parte no Balão.

É assim que principia a revista. A esse primeiro quadro muito original e muito bem achado, segue-se outro que não é menos bem achado—o quadro no balão.

Nos ares o balão que vem do reino da Honestidade, encontra-se com um balão captivo do Jardim Zoologico, e que tendo quebrado o seu cabo e sem captivo, segue viagem por ares e nuvens, levando a reboque na sua barquinha um habitante do jardim do papelorio, o sr. Felix Telles Meyrelles, que sentindo-se perdido grita por socorro e é salvo pelo subdito do reino da Honestidade, com quem desce ao paiz do Papelorio.

Alem do que ha de engenhoso e de novo n'essa scena do balão, a scena está escripta com muita graça e é das melhores da revista.

Descidos á terra os dois viajantes fazem a sua viagem atravez dos acontecimentos do anno e atravez dos costumes do reino do Papelorio, porque Sousa Bastos ultimamente adoptou o bom systema de fazer das suas revistas d'anno, mais revistas de costumes que de acontecimentos do momento, o que lhes augmenta o valor e lhes dá muito mais duração em scena, como por exemplo ao *Tim tim por tim tim*, que tem já uns seis ou sete annos de vida gloriosa nos theatros de Portugal e do Brazil.

A revista principada assim tão graciosa e originalmente continua com graça, com variedade e sem massada, apontando acontecimentos salientes, costumes mais pittorescos até terminar por uma exhibição das danças e musicas populares das nossas provincias.

A chronica vai já muito longa e não me permite uma analyse minuciosa das muitas scenas e quadros excellentes que a revista tem, e por isso limitar-me hei a citar o typo genuinamente nacional do *Vae tudo bem*, representado com muita

graça pelo actor Augusto, as coplas do *carro de Jacintho*, na exhibição dos meios de locomoção, coplas que cantadas esplendidamente pela graciosa actriz Carmen, constituem um dos *clous* da revista, o quadro da imprensa em que todos os jornaes são apresentados com muita verve, e em que Amelia Barros é sempre victoriada pela maneira como representa a velha Nação; a scena dos Kiosques, que tem muita originalidade de *mise-en-scene*, o quadro dos theatros em que se distingue como imitador o actor Venancio, que imita perfeitamente o actor Joaquim d'Almeida, e o actor Costa do Principe Real, e em que o actor Gomes faz excellentemente o papel de *Onofros*, e o actor Telino tem uma ovação todas as noites imitando o actor Gargano, na *Noite em Venezia*.

Os compadres da revista são Alfredo de Carvalho, inexcedível de graça, de bom humor e de naturalidade, Joaquim Silva, magnifico de veia comica, e Amelia Barros, engraçadissima na velha esposa do Felix.

A actriz Palmyra Bastos, um dos mais formosos talentos que ultimamente tem apparecido nos nossos palcos, tem uns poucos de papeis e faz todos com uma grande correcção e elegancia, dizendo os *complets* com uma grande intuição, como uma excellente actriz que é já.

Carmen Cardoso é esplendida em todos os papeis da revista, e principalmente no cocheiro do Jacintho; Portugal, um magnifico Bacellar, Queiroz, Augusto e Eduardo de Sousa excellentemente em papeis pequenos.

O guarda-roupa é deslumbrante e prova mais uma vez o muito que vale a arte e o bom gosto de Carlos Cohen.

A Revista está muito bem ensaiada pelo sr. Garraio, e a musica que tem alguns numeros muito bonitos, foi coordenada pelo illustre maestro Freitas Gazu.

O scenario é excellento, tendo as honras a scena da Batalha das Flores pintada pelo sr. Machado e o panorama de Lisboa pelo sr. Eduardo Reis.

As vistas de Manini são muito boas, como não podem deixar de ser, e merece uma menção especial a scena do quadro da Imprensa, pintada pelo sr. Samarani e por um scenographo novo, o sr. Pina, irmão do nosso collega o sr. Marianno Pina, que tem inegavel talento, e que mostra n'este seu primeiro trabalho dever em breve occupar lugar entre os nossos melhores scenographos.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO SULTÃO DE MARROCOS

Por occasião da morte de Muley Hassan, os ministros, os altos dignatarios e os chefes do exercito, entre os quaes se encontrava o coronel inglez Mac Klean, proclamaram herdeiro do throno a Muley Abd-el-Azis, cujo retrato inserimos e que é filho do finado e da sua favorita *Habasia*.

Biographando o novo imperador marroquino, fallaremos primeiro de sua mãe, a quem elle deve desde a vida até ao throno que hoje occupa, preferido a seu irmão mais velho.

Natremos:

A formosa viuva de Muley Hassan é mais uma prova de como pode o amor, ou ainda mesmo um simples capricho, fazer d'uma escrava uma sultana:

Habasia é uma formosissima circassiana que ha 17 annos era a favorita do fallecido soberano. *Habasia* foi roubada a seus paes ainda muito nova, e vendida em Constantinopla a um mercador de escravos que lhe mandou dar uma excellente educação. Comprada mais tarde por cinco contos de réis, juntamente com outra escrava hoje esposa de um governador muito conhecido em Hespanha, chegaram ambas a Tanger com destino ao Sultão. O seu talento e a sua finissima intelligencia, ainda mais do que a sua belleza, o seu excellento conselho, a sua educação esmerada e a delicadeza dos seus sentimentos captivaram logo Muley-Hassan, que fez d'ella a verdadeira sultana marroquina.

O actual sultão, Abd el Azis, o filho d'aquelles amores, era o predilecto do sultão, o preferido, o indicado para lhe succeder no throno, não obstante haver filhos mais velhos, como o primogenito Muley-Mohamed. E o seu indigitamento co-

mo successor de seu pae, deve-o Abd-el Azis a sua mãe, a *Habasia*, esta mulher admiravel que conseguiu dominar o seu nobre amante, e, de tyranno fazel-o justo e bom, levando o, por vezes, a transigir em pontos contrarios ao Alkorão! Quanto pode o amor!

Educou *Habasia*, o filho dos seus amores para successor do pae incutindo-lhe sempre ideias generosas e fazendo d'elle um valente. Collocou a seu lado um sabio perceptor, Muley Mohamed el Sueri, que lhe ensinou os livros sagrados, elementos de mathematica e astrologia. Não se esqueceu, tambem, de o fazer adestrar no manejo das armas, para assim o tornar digno de ser chamado pelos destinos de Allah a levar o seu povo á victoria.

Influenciado pelo affecto da gentil circassiana, o fallecido sultão chamou de preferencia o filho dilecto, deu-lhe as chaves do thesouro, entregou-lhe os sellos de Califa e Emir, apresentou o aos magnates do *Magzen* como seu herdeiro, e até fez igual declaração ás potencias europeias.

Comtudo, isto, atizava os odios do filho desherdado, Muley Mohamed, que contrariamente a seu irmão Abd-el-Azis — é terrivel e sanguinario.

O finado sultão bastante soffria com a perspectiva d'uma futura lucta civil. Porém a sultana estava satisfeita e elle que muito a amava tinha n'isso o maior prazer.

Assim, o actual sultão, filho de uma mulher tão intelligente e de tão fino tacto, está dando provas de uma energia e espirito d'administração, pouco vulgares, n'uma creança de 16 annos de idade.

Citemos um exemplo d'essa energia:

Alguns dias depois da sua consagração, em Tanger, que teve lugar em 16 de junho passado, convocou o novo imperador, para uma reunião todos os governadores das provincias do imperio, convidando, ao mesmo tempo, para que comparecessem todas as pessoas que diziam ter razões de queixas contra elles. Estas apontaram os de Uliad, Zeyan e Mediana como responsaveis por varios attentados de roubo. O sultão intimou os a pagar.

Os governadores declararam que era preciso, antes de tudo, jurarem os seus accusadores ser verdadeiro o que diziam. O sultão replicou que era desnecessario o juramento, e obrigou-os a pagar immediatamente a importancia dos roubos, dizendo lhes estas palavras, que bem revelam o caracter e disposições do joven monarcha:

— Não julguem que estão em frente do meu defuncto pae, de cuja excessiva bondade tantas vezes abusavam escandalosamente. Eu serei severo sempre que se trate de fazer justiça aos fracos contra os fortes que os explorem. Quero ordem no imperio. Já o sabem. Tenham cuidado, pois.

Conta-se tambem que tendo chamado o governador de Rabat o censurou pelos frequentes roubos que se commettiam na sua jurisdicção, dizendo-lhe:

— Uma vez que és desleixado e que tanto tu como os teus subalternos não teem força para manter a ordem, desde já prescindindo dos teus serviços. Outros occuparão melhor esses logares.

O governador ajoelhou e jurou cumprir as leis e supplicou ao sultão o conservasse no seu posto. Então chamou Abd-el Azis alguns notarios que lavraram um auto d'este juramento.

D'esta fórma, o sultão novo, tem creado juz á consideração do seu povo do qual tem recebido as maiores manifestações, pois que o acolhem com enorme alegria.

As adhesões de todas as kabyilas e dos principaes chefes, tem n'as recebido successivamente o novel sultão. O seu proprio irmão Mohamed, que a principio quiz atear a guerra civil, vendo-se abandonado dos seus partidarios, parece que já assignou um acto de submissão.

Eis a proclamação escripta pelo proprio punho de Abd-el-Azis e que resa assim:

«Aos filhos dos crentes e vassallos do Principe dos crentes:

«Por vontade do poderoso Allah, seu excêlso propheta Mohamed, o inolvidavel emir Almumin, meu amado pae Muley Assan, a quem Deus concede as delicias do Paraizo, subiu ás regiões da verdade e da paz.

«Por sua vontade, sempre acatada; pela de seus visires (hoje nossos), Sidi Mohamed Benelarb, Sidi Rahamed e Sidi Fedul el Garnbit; pela de seu exercito (hoje nosso), e pela de todos os verdadeiros crentes que se são acatadores da sua vontade, fui eleito emir dos crentes, tendo já sido aclamado em quasi todo o imperio.

«Recommendo-vos que façaes o mesmo para que, com o favor de Allah, eu possa governar-vos.

«E Allah derrame sobre todos os obedientes os seus dons, e illumine a minha intelligencia e a de meus visires para praticar o bem e combater os que, inspirados por maus archanjos, se oppoñam a nossos mandados e vontade; que serão irmãos dos decretos de Deus grande.

«Paz».

Sidi Mohamed Torres deu copia d'esta proclamação ao corpo diplomatico.

Os ministros europeus, em Tanger, reuniram-se na legação ingleza, a fim de examinarem a noticia recebida. Resolveram todos reconhecer o novo sultão e a maioria das potencias decidiram enviar a Abd el Azis, cartas de reconhecimento. A França, Inglaterra e Hespanha já o fizeram.

A 26 de junho passado casou o sultão com uma sua prima filha de Muley Cushid, tio de seu pae.

Por este facto e, ainda pela sua elevação ao throno, todas as casas de Fez se embandeiraram e as legações europeas em Tanger tiveram içadas as bandeiras em signal de homenagem ao novo sultão de Marrocos, e isto não só por simples deferencia, mas porque o novo sultão se impoz ao respeito da Europa de uma forma tal, que as atenções para elle convergem tão evidentemente quanto o affirma a politica das potencias interessadas de perto ou de longe no *statu quo* que o energico sultão parece querer manter, o que é uma promessa de felicidade, de paz e d'accordo entre esses grandes interesses.

A SOBERANIA DA ARTE

Quem não sabe a Arte não a estima.

CANÔES.

É indiscutível, ou, pelo menos, de contradicção ingrata, o axioma, agora mais uma vez proposto, de que a Arte é a unica soberana cujo poder mais se tem radicado e cuja evidencia de predomínio mais docemente influe e leva a que, o orgulho ainda o mais alto se curve e abaixe á sua luz e poder creador, ao seu sacerdocio e aos seus proprios ministros, quando tomada como uma das forças que regem e imperam no mundo que vive, sente e vê.

A arte, como aqui a concebemos e deduzimos, não é aquella a que os encyclopedistas chamam *arte angelica* porque ella se apossa dos espiritos pela afinidade que ha entre a sua forma de se tornar hegemonica e a tendencia para a superstição; mas sim em sentido absoluto, da que elevada e especialmente se dirige não só á imaginação pelo lado do maravilhoso, como tambem vibrando no sentimento se assenhora de todos os impulsos que elle possa produzir.

Abandonamos egualmente aquella definição, dada de cadeira pelos entendidos na materia em principio do seculo passado, de que era um conjunto de regras e principios praticos pelo meio dos quaes o homem exprime os seus sentimentos e realisa as suas concepções sob uma forma sensível.

E' conquanto a arte seja a ligação humana e visível do trabalho das mãos ao labutar do cerebro, é por vezes tão homogenea no seu concebimento e execução que mal se distingue onde se tangenciam essas duas esferas productoras.

La Cour, diz que, a Arte é a habilidade reduzida a theoria, e n'estas sete palavras dá-nos simplesmente uma perfeita congruencia com o nosso pensamento, porém em sentido inverso.

A Arte, quer Toussenel, que seja a encarnação do Ideal. E, alguém houve que candidamente lhe deu vida e os predicados inherentes. Alguns, querem n'ella divinisada, vêr uma outra Virgem, recebendo d'uma liturgia propria, um novo culto de Latria.

Encanta nos esta mimosissima criação cuja ingenuidade nos mostra como Taine escrevendo: «a natureza dilue a belleza, a Arte concentra-a» chegou tacitamente á ideia d'um typo carnativo de formosura e graça symbolisado n'um mysticismo tão ardente que exige um rito especial d'admiração, de respeito e homenagens.

Recebe, pois, a Arte uma certa unidade que, esta ficção gracil lhe dá, o que todavia não obsta a que auctores, tanto mais nimio analyistas, quanto os que citámos foram syntheticos, a dividam e subdividam.

Assim, encontra-se esta imagem da Arte: brilhantissima constellação gravitando no immenso ceu do sentir humano, da qual a estrella mais rutilante é a do Bello; e a ideia d'esta concepção, plagiada e paraphraseada, tambem nos dá a seguinte figura que só difere em que a tomamos n'uma das suas formas a mais extasiante e

deliciosa — a da percepção e apercepção pelos ouvidos, isto quando se accomoda ás faculdades do sentimento, se depura pela comprehensão produzindo um circuito identificativo que se fecha conjunctando os movimentos da alma com os impulsos do coração que se enebria e maravilha ao desfiar-se o collar de bellezas que intuitivamente vae apreciando.

Isto, nos induz a que comprehendamos a Arte, assimilando-a como uma formosissima composição de suprema harmonia, em que um certo grupo de notas, embora apparecendo e desaparecendo em diversos tons, como n'uma fuga, seria a concretisação dos elementos aliquotos d'essa unidade sublime — o Bello.

E' assente, para nós, que a maior ou menor proeminencia da Arte vem da sua pureza d'atavios, ou, talvez mesmo, da escassez d'elles, na sua origem.

A Arte grega não foi quasi divina só pelo caracter ideal que possuia, mas sim porque pela sua extrema simplicidade tocou a propria Natureza, que ella em tentativas, que foram obras ultimas em primores de esthetica e plastica, só humildemente desejava imitar.

Deduz-se do que dissémos que estimamos a arte só no fundo, conquanto a forma tantas vezes de subito mais nos emocione que a propria substancia. Desde o symbolismo até ao romantismo só achamos a relação que existe entre a ideia abstracta do bello e a forma plastica que então a representa. N'essa forma haverá como que uma gamma começando no confuso e indo até ao perfeitamente nitido da imagem.

Unifica-se a simplicidade, isto é, a representação fiel e servil, diplomatica mesmo, da natureza, no seu grau mais justo; e, do mais alto se aproveita a pintura explorando com os effeitos quasi magicos do colorido, a belleza que fica na ténia. É d'essa simplicidade, de que a pintura se auxilia usando-a em graus diversos que o escultor abusa para conseguir melhor.

Vêr curvar-se expontaneamente o orgulho, mercê da sympathia reflexa exercida pela manifestação artistica na sensibilidade humana; sentir intimamente a força enorme que a admiração sobre nós incide e impõe, é afirmar em toda a latitude a soberania da Arte.

Exposta a these, citemos alguns exemplos para a sua demonstração. Os exemplos, d'esta vez, serão verdadeiros factos acontecidos e conhecidos.

Assim, a gravura que acompanhamos d'estas linhas, apresenta ao nosso leitor o flegmatico e orgulhoso Carlos V, apanhando do chão o pincel que o grande Ticiano Vecelli deixára cair. Assim, a historia nos conserva: a celebre phrase do imperador Maximiliano ácerca de Alberto Durer, a um dos seus fidalgos: *Weisst du nicht, dass die Würde der Kunst hoher steht als alle zufälligen Vorzüge der Geburt?*

Não sabes tu que o merito do artista está acima das casuaes preferencias do nascimento?

Mas se Carlos V no apogeu do seu poder e por indole do seu nascimento, era orgulhoso de natureza e flegmatico de educação se abaixou perante Ticiano, tambem a divindade se tem curvado.

Na biographia de Beethoven ha um facto que evidencia o que avançamos.

Estava, como era seu costume, o grande compositor classico, assentado no campo á sombra d'umas arvores que bordavam os angulos d'uma estrada que ia perdida pela planicie. Pensativo, entregue á sua meditação, só ouvindo as melodias que a natureza viva lhe inspirava, não dera Beethoven pela aproximação d'um cortejo religioso que se dirigia a uma aldeia visinha. A' treze caminhava o cura cantando os louvores rituaes que toda aquella gente que o seguia, acompanhava cheia de fé.

De subito, parou o cura e ordenou silencio. Reparára o venerando levita em Beethoven, que absorto não dava signal algum de ter ouvido os canticos. O respeito que ao bom padre infundia a admiração que tributava ao talento de Beethoven, manifestára-se d'aquella forma.

O divino cedera lugar ao sublime.

Eis, quanto pode a Arte.

Esteves Pereira.

OS ORPHÃOS DE CALECUT

POR LOPES DE MENDONÇA

A simples leitura do titulo dos capitulos nos faz ver o accidentado do romance de Lopes de Men-

donça; e, alem d'isto, a scena corre energica, forte, e por vezes interessantissima.

João Rabello por alcunha o *Reinol* é o principal personagem, e a *Grimaneza* o seu satellite.

Em volta d'elles se desenrola o entrecho do romance, que é, a nosso ver, o mais completo que nos tempos modernos se tem apresentado em portuguez.

Ayres Correia, fidalgo portuguez e valente guerreiro, tem dois filhos de Grimaneza a quem prometteu casamento.

Ayres Correia parte para a India, levando os filhos e morre lá.

A Grimaneza, ajudada e protegida por João Reinol, embarca para a India em busca dos filhos.

A viagem a vida em Calecut, as relações então dos portuguezes com os potentados da India, a intriga que os venezianos moviam a quem lhe tinha paralyzado o commercio, — tudo Lopes de Mendonça descreve com uma pureza de linguagem, um vigor de côres, que nos deixa fortemente impressionados.

Os combates, as luctas, generosa uma, gananciosa outra, — que já n'aquelle tempo começava de accusar-se a ambição que trouxe, aos nossos homens de estado, primeiro o embotamento do espirito, e depois a insania de destruir tudo que parecesse portuguez, — é tudo observado sob um criterio superior em que alma portugueza se eleva a um diapason tal que torna os homens-gigantes, como gigantesca foi a obra, — a conquista da India!

A descripção de Lisboa é minuciosa e de um rigor de correcção que maravilha. A Lisboa do seculo XVI.

Os typos do romance, portuguezes de lei; a rudeza de João Reinol accusa bem a tempera dos homens de então.

O amor maternal que transforma a amante de Ayres Correia em heroína invencivel, demonstra, á saciedade, quanto Lopes de Mendonça admira a Mulher na sua mais grandiosa expressão — a Mãe!

O combate de Bendurte, em que Duarte Pacheco tem de galgar um muro de cadaveres para abraçar o filho, que se batia com um heroe, é um dos mais vivos quadros dos *orphãos de Calecut*.

A palheta de Lopes de Mendonça, pletorica de côres, illumina todo o livro com uma luz intensa de verdade e de amor patrio.

O portuguez de seculo XVI é apresentado por Lopes de Mendonça com imparcial critica, por isso que lá apparece, no livro, a figura sinistra do Martim Calveiro, e o estúpido — mau do *Boca-Aberta*.

Illustrando o livro veem uns desenhos de Vaz, muito bem feitos, mostrando-se á vontade no assumpto; e, como *specimen*, do Occidente dá a gravura do navio *Santa Helena*, representando o momento em que a *Grimaneza* encontra os seus filhos, os orphãos de Calecut, os filhos de Ayres Correia e transcreve em seguida o capitulo que diz respeito a esta situação.

E' um livro portuguez, este que vimos de fallar, muito instructivo, pela historia que é rigorosa, pela linguagem que é vernacula e affecta, quanto possível, ao estylo da epocha e á phraseologia do mar.

Ao auctor e nosso velho amigo agradecemos o seu trabalho, lamentando não termos ainda a auctoridade precisa para fazer a critica de trabalhos da craveira dos de tão distincto academico.

Manoel Barradas.

CAPITULO XVIII

RESURREIÇÃO!

Apenas a *Santa Helena* chegára a Cochim, a pobre mucuá de Calecut, que tratara dos filhos de Ayres Corrêa, emergira das profundezas da coberta, onde se havia conservado durante toda a viagem, com os dois pequenos. Vinha supplicar ao turgimão caleti se informasse da sorte das creanças que o zambuco devia ter desembarcado em Vaipim. O turgimão não soube responder-lhe. A catastrophe ainda não era conhecida a bordo. Só de noite, quando voltaram de terra alguns dos mareantes, se espalhou a desastrosa nova.

A mucuá estava ainda em cima, sobre a tolda, e procurava, no meio do ruido das conversações, da agitação da marinhagem, perceber qual era a noticia que interessava aquella gente. Passavam por junto d'ella mareantes e bombardeiros, voltando para ella olhares de commiserção, fingindo não attentar na anciedade que se lia n'aquella physionomia e que se percebia nas palavras pronunciadas na lingua nativa. A mulher procurava com os olhos o turgimão. Viu-o n'um grupo, junto da escada de quebra-costas por onde entravam

os da guarnição do batel. Precipitou-se para elle, tendo a cautella de não se aproximar demasiado, na humildade da sua casta infima, e interrogou-o, cheia de susto.

Então o caleti, tristemente, começou a narrar o tragico successo. A's primeiras palavras, a macuá teve a rapida percepção da catastrophe. Dando um grito espantoso, baqueou nas taboas roxo ter-

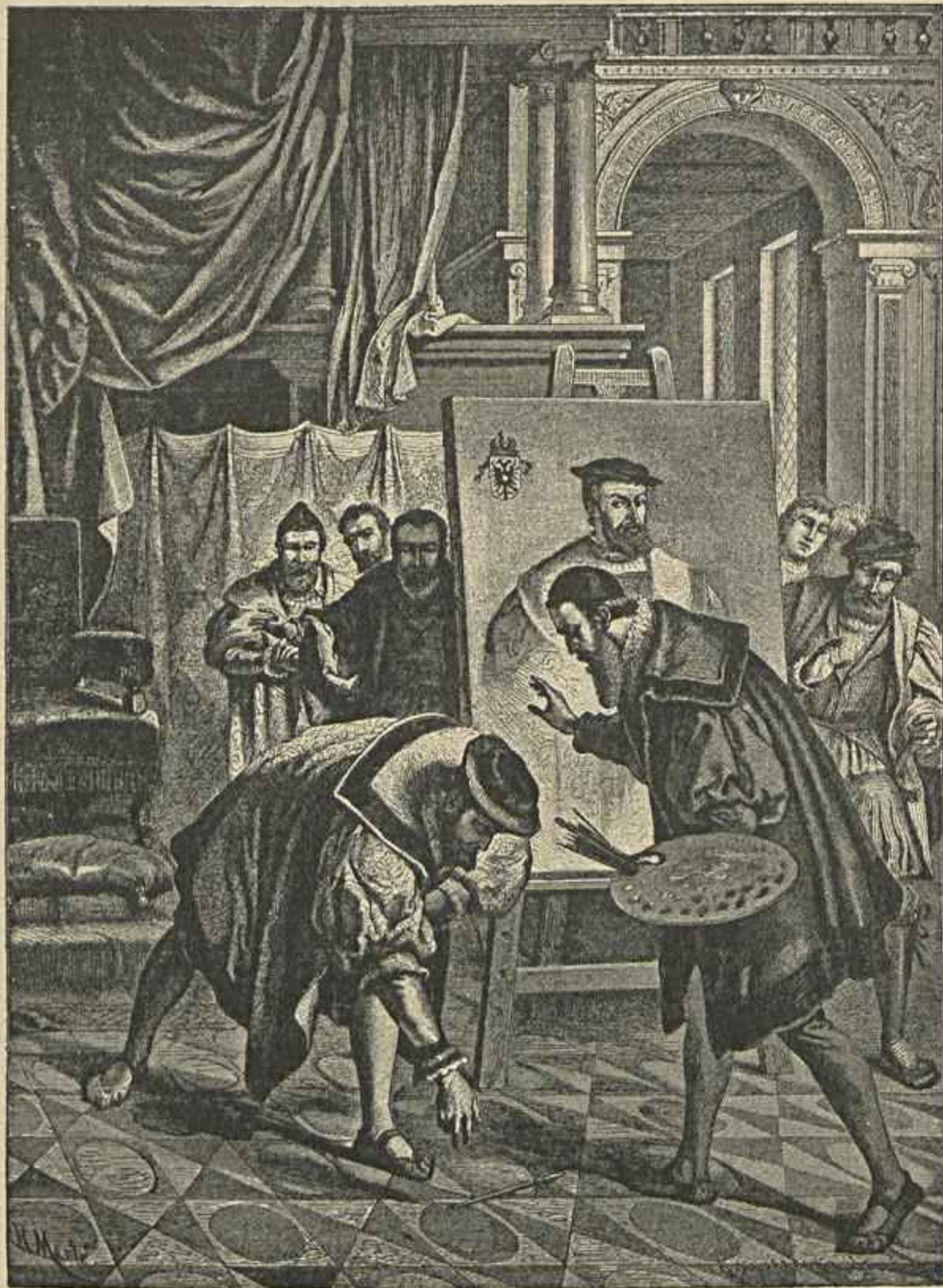
mesquinha continuaram ininterruptamente, regulares e synchronicos como o movimento de uma pendula, afflictivos e arripantes como o estertor de um moribundo.

—Que amor ella tinha ás pobres creanças! murmuravam alguns marinheiros.

—Como se fôra mãe d'elles! accrescentavam outros.

A mucuá acocorou-se ao pé das creanças, arrancando a grenha ás mãos ombas, soluçando convulsivamente, abanando a cabeça onde chispavam os grossos batoques de cobre, em guisa de brinco encastoados nas longas orelhas.

E durante toda a noite, aquelle carpir plangente e compassado perturbou o somno da marinhagem. Não havia maneira de o fazer cessar, nem conso-



O IMPERADOR CARLOS V E O PINTOR TICIANO

Vid. artigo «A Soberania da Arte»

ra do baileu. Mas ergueu-se logo, agachando-se junto da mareagem. Avidamente, rogou ao turgimão que proseguisse a narrativa. E cercado por marinheiros que contemplavam doloridamente a misera, elle foi recitando um longo discurso, em lingua malayalam, interrompido sem cessar pelos lamentos crescentes da mucuá. Era um pranto cupioso e soluçante, que lhe sacudia os membros, que lhe agitava a cabeça magra, occulta entre as mãos. Quando o indio terminou, os gemidos da

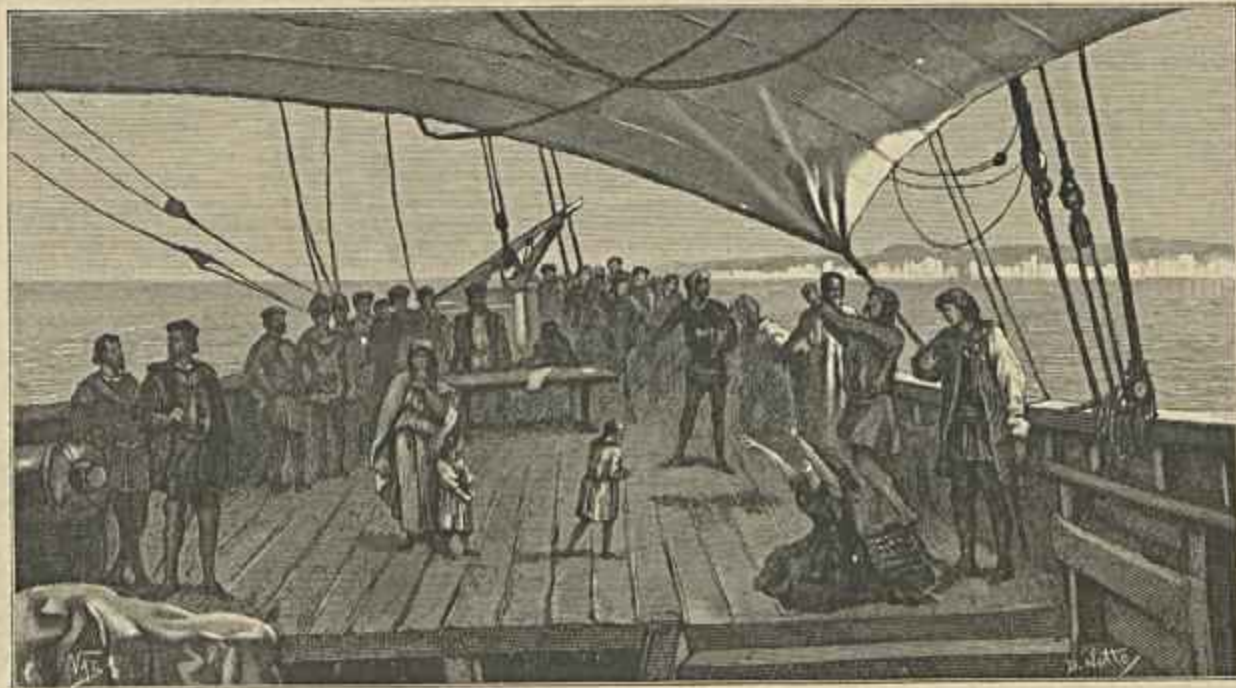
Condoídos, levaram a desgraçada para a coberta. Junto da estrinca, com ar apavorado e bravio, os dois outros pequenos apertavam-se um de encontro ao outro; apenas viram a mãe agarraram-se-lhe ao sujo langotim de algodão. Mas rudemente, sem suspender a sua lamentação, a mucuá repelliu os.

—Coitada! exclamou um dos marinheiros, parece até que, por amor e saudade dos alheios, despreza os proprios filhos.

lações nem promessas, nem fingidas ameaças, a que no derradeiro extremo se recorreu. Junto da mucuá, as pobres creanças cabeceavam abrindo a cada momento, com susto, os olhitos vivos e pasmados. Só de madrugada, prostrada enfim, a mulher cahiu n'um torpor angustioso, cortado de sobressaltos, arranhado pela garra adunca dos pesadellos.

De manhã, foram dar com ella a um dos lados da coberta, silenciosa, immovel, agachada, com as

OS ORFÃOS DE CALECUT



Filho!... Ayres!... filho! meu filho!...

(Ilustração do João Vaz)

mãos cruzadas abraçando os joelhos esqualidos, mirando com aspecto torvo as duas crianças que dormiam pesadamente, de ventre para o ar, ao pé da estrinca. E nunca mais se lhe ouviu um lamento, nem uma palavra, e nem para se alimentar os seus lábios se descerraram.

Cerca do meio dia, começaram a affuir a bordo da caravela os officiaes que haviam sido convocados por Duarte Pacheco. Tão importante se affigurava a este para o prestigio do nome portuguez no Oriente o resgate dos filhos de Ayres Corrêa, que quizera dar toda a solemnidade ao auto da sua morte, no qual ao menos ficariam especificados todos os esforços enviados para os salvar e o exito da temeraria empreza tentada em Calecut.

Sobre o chapitêo, protegido da soalheira por um largo toldo de panno de Flandres, levantava-se uma meza onde tomaram logar o capitão mór e o escrivão da *Santa Helena*, encarregado de redigir o auto. Encostados á borda falsa, formando grupos, viam-se os outros officiaes; e avante do mastro do artimão, junto ao carro da antenna arriada, enfileiravam-se as testemunhas de mais baixa condição. A estibordo, o Martim Calveiro dava ao rosto magrizzella, eriçado de raras cerdas rufas, um ar resignado e tristonho; ao passo que o Boca-Aberta não desmanchára o seu aspecto casmurro e selvagem.

Do outro bordo, entre o Reinol e Hadji, sentada n'um pandeiro de cabos, Grimaneza, de olhos vagos, tinha a mesma expressão inane de incipiente loucura. Fitando-a, em todos os semblantes se espalhava uma commiserção profunda; e de todos os lados, perdosda a fraude com que ella durante tão largo periodo lograra embair tantos espiritos mediocremente ingenuos, surgiam phrases admirativas do seu heroico amor materno.

Lisuarte acercou-se d'ella, com o energico rosto enublado por um denso veu de tristeza.

—Mesquinha! disse elle para o Reinol, eu vos prometto que nada lhe faltará no futuro.

O marinheiro encarou-o firmemente.

—Perdoae-me, senhor Lisuarte! Doida ou ajudada a mim só pertence o olhar por ella.

O mancebo calou-se pensativo.

—Tendes razão, João Reinol! murmurou elle por fim. Sois um homem ás direitas. Dae-me a vossa mão. Quero apertal-a, para signal de que vos estimo deveras.

Commovido, o Reinol estendeu para elle a mão callosa e cabelluda. E os officiaes espantaram-se do fervor cordeal com que lh'a apertava o filho do capitão mór.

Começara a escrever-se o auto. Foram chamados para o encetar como testemunhas, os dois irmãos, Pero e Alvaro Rafael, e Lisuarte Pacheco. Em seguida, procedeu-se ao interrogatorio de Martim Calveiro, que repetiu longamente a sua narrativa, espraiando-se em considerações justificativas contra a accusação que na vespera lhe fôra feita.

Apezar do toldo e das nuvens pardacentas que velavam o sol, o calor era enorme e pesado, dormante e abafado como o de uma estufa. Cahia sobre todos uma indefinida somnolencia, uma ancia de espreguiçamento e de repouso; dissimuladamente, os braços estiravam-se em movimentos pandiculante, e os bocejos mascaravam-se sob as mãos enconçadas. E durante o depoimento do Boca-Aberta, indocil ás perguntas, nebuloso nas respostas, rebelde a explicações, n'uma persistencia de silencio ou de laconismo contra as inquirições do escrivão e do capitão-mór, a displicencia geral chegou ao cumulo.

Concluido finalmente esse prolongado interrogatorio, com allivio de todos, o escrivão chamou:

—João Reinol!

Duarte Pacheco atalhou-o porém, com um gesto.

—Esperae, Duarte Fernandes. Antes d'isso, cumpre interrogar a mulher mucuá que teve a seu cargo, em Calecut, os filhos de Ayres Corrêa.

—Como vossa mercê ordenar, senhor capitão-mór.

—Mandae-a chamur, e juntamente esse lingua indio que ahi tendes.

Um marinheiro desceu á coberta, a cumprir os ordens do capitão mór. Momentos depois, um choro infantil e quebrado irrompeu de baixo.

—Que é isto? interrogou Pacheco.

Pouco tardou que viessem informal-o.

—São os filhos da mucuá, que não querem largal-a.

Pois deixae-os vir com ella pobrezinhos.

N'um relance, o pranto cessou. E viu-se a figura escaveirada da india subir compassadamente a escada do chapitêo, seguida pelo turgimão; ao passo que um marinheiro ajudava compassivamente as crianças, vigorosamente aferradas ás roupas da mucuá.

Eram dois pequenos de olhar ardente, mas um pouco bravo, epiderme tostada como as dos indios, mas revelando na sua finura algo de superior aos dravidianos que formavam as castas infimas da India meridional. Ambos vestiam cabaias de algodão, cuidadosamente lavadas, debaixo das quaes realçava a musculatura vigorosa de corpos embora magros. O mais velho teria uns onze annos, e nos seus olhos havia um ar de intelligencia e de altivez, pouco consentaneo com a humildade e a selvageria nativas da sua raça. No rosto do outro, mais novo uns dois annos, espalhava-se uma expressão semelhante, temperada com maior ternura e mais infantil timidez.

O grupo acercou-se da meza onde presidia o capitão-mór, e por intermedio do turgimão, começou-se o interrogatorio á mulher mucuá. Mas logo todos os olhares foram distrahiridos por uma scena muda cheia de interesse. Os olhares das duas crianças, volvendo pelos circumstantes, haviam sido attrahidas pela figura immovel de Grimaneza, sentada defronte d'elles, com os braços inertes sobre os joelhos, a vista pasmada e abs-

tracta. Pouco a pouco, a curiosidade, depois o interesse, por fim o espanto; foi-se lendo n'aquelles semblantes infantis, attentos para ella, Grimaneza, por sua vez, pareceu reparar n'elles, finalmente. Começou a mover-se, afflictivamente, balbuciando cousas inintelligiveis, traduzindo no rosto uma angustiosa, cruciante, terrivel lucta interior. Era como um combate entre a sua razão que voltava e o phantasma negro da loucura que a invadia. E a sua inquietação tornou-se por tal modo violenta, com contrações faciaes de epilepsia, enclavinamentos convulsos de dedos, tremor nevrotico das maxillas, que houve movimento de alguns para acudir-lhe.

—Coitada! murmurou o Reinol ao primeiro que se aproximou, sabeis porque se afflige? E' que vê os pequenos mucuás vestidos exactamente como estavam os filhos d'ella, quando lhes demos com os cadáveres.

—Então, disse Lisuarte que o ouvira, melhor será affastar as crianças.

—Talvez!

Mas aos primeiros passos que Lisuarte deu para os pequenos, uma exclamação rouca e intraduzivel sahiu da garganta de Grimaneza, enquanto, abanando repetidas vezes a cabeça com o mesmo som guttural, similhante ao dos surdos-mudos, ella accentuava com energia uma negativa supplicante.

Surprehendido, Lisuarte deteve-se. Mais tranquilla, sem descravar a vista das duas crianças, a rapariga foi alongando para elles a cabeça, abrindo a boca n'uma expressão attonita, arregalando os olhos onde luziam clarões de intelligencia.

Os pequenos avançavam de manso para ella, presos sempre ás roupas da mucuá, como se receiassem ceder á attracção fascinante que a portueza exercia sobre elles. Subitamente, o mais velho largou o ennegrecido langotim, estendeu para ella as mãos abertas, e pareceu procurar nos recessos da sua infantil memoria alguma palavra que annos de ausencia e soffrimento houvessem obliterado. Hesitante, começou a pronunciar vagamente uma syllaba, repetida, repetida, até rebrantar n'um monosyllabo intelligivel que elle soltou clamando, n'uma explosão triumphal de alegria infinita.

—Ma... ma... ma... ma... mãe!

—Filho!... Ayres!... filho! meu filho!... bradava Grimaneza em voz estridente, que accordou os echos do porto, e revolveu todos os corações n'um impeto de funda commoção pathetica.

N'uma exaltação sem limites, a meio do chapitêo, ella abraçava, beijava sem descanso, o filho que lhe era finalmente restituído. O outro pequeno, seguindo o exemplo do irmão, correrá para ella, doido de jubilo. E reconhecendo-o tambem, Grimaneza bradava, esmagando os lábios de encontro ás faces tenras da criança:

—Meu Antonio!... meu Antonio!... filho! filho!...

Todos, mal abafando lagrimas, presenciavam esta scena. O Reinol, n'um fervor de prece, olhava

para o céu juntando as mãos. Tomado, também de um impeto religioso, o mouro Hadji prostrava-se nas tabuas do chapitêo, com a fronte no chão, as mãos enclavinadas sobre a nuca. Lisuarte contemplava extático o grupo amável, como se assistisse a um milagre. E esta era a secreta persuasão de todos aquelles espiritos, dominados ainda pela tradição supersticiosa dos tempos medievaes.

No meio d'esta como exaltação mystica, ninguém reparára no rosto livido do Martim Calveiro, que resmungava com furia para o Boca-Aberta, sempre casmurro e cabis-baixo ao pé d'elle:

— Trabalho perdido! . . . raios os partam!

Ninguém via também o semblante transtornado da mulher mucuá, a qual recuara instintivamente até se sumir por detraz dos officiaes, apoiando-se na mareagem e fitando as aguas enrugadas do rio com os olhos esgazeados.

Alheia a tudo que a rodeava, Grimaneza, de joelhos no soalho quente, continuava a cobrir os filhos de beijos sem conto, murmurando interrogações, a que as pobres creanças apenas respondiam, cingindo-lhe com mais força o collo.

Foi Duarte Pacheco que quebrou aquella especie de encanto magnético, exclamando em voz grave:

— Que quer dizer isto? Os filhos de Ayres Corrêa não são mortos?

E circumvagando a vista, ordenou:

— Trazei a minha presença a mucuá.

Acercaram-se d'ella alguns officiaes. Aterrada, ella galgou n'um impeto a borda, para se precipitar á agua. Sustiveram-na a tempo. Entre gritos e lamentos, foi levada até junto do capitão-mór, e, chorando estrondosamente, deitou-se-lhe aos pés e beijou-lhe a fimbria da loba roçagante. Soluçava palavras suaves e plangentes, que o turgimão traduziu:

— Implora-vos perdão, senhor capitão-mór.

— Que conte primeiro o que se passou.

Então, lavada em lagrimas, a mucuá explicou-se. Cega pelo amor maternal, não podendo subtrahir todas as quatro creanças aos perigos do combate a bordo da caravela, substituiu os seus aos filhos de Ayres Corrêa, para que fossem postos em segurança na ilha de Vaipim. Da sua deslealdade se vingara o tremendo Shiva, matando-lhos. E o longo accesso de desespero, que os mareantes da *Santa Helena* haviam presenciado durante aquella noite, era a explosão do seu amor maternal crudelissimamente ferido. Desvairada pelo ciúme, ao ver como uma providencia suprema protegera os filhos alheios, estivera a ponto de os assassinar durante essa noite de agonia. Confessava-o, cheia de humilhação e remorso, supplicando que não a poupassem ao castigo, mas que lhe perdoassem o crime que tão medonha expiação tivera.

Impressionado por aquella narrativa, Duarte Pacheco resumiu a sentença n'estas palavras solennes:

— Mesquinha mulher, como havemos de punir-te, se a mão do Senhor te puniu já implacavelmente? Arrepende-te, misera, e vê como os teus idolos te enganam!

E voltando-se para os officiaes, exclamou em voz forte:

— Senhores, hoje é dia de festa. Voltaram ao redil as desgarradas ovelhas. Empavesae os vossos navios, alegreae as vossas almas. Comigo vireis todos ceiar hoje á fortaleza. . . Junto de mim, para os honrar, para me honrar a mim proprio, estarão os filhos de Ayres Corrêa. . . e também essa heroica mulher, digno coração de portuguezes e de mãe.

Apontava para Grimaneza, com o rosto energico illuminado por um sorriso magnanimo. Ella, como que despertada do seu delirio por aquella voz possante, encarou-o a começo com espanto. Depois, humilhada, ergueu-se baixando os olhos, conservando as duas creanças apertadas de encontro a si.

O capitão mór adiantou-se para ella.

— Quereis abraçar-me, Grimaneza?

A rapariga titubeou, cheia de confusão. Sem dar conta de si, viu-se entre os braços de Duarte Pacheco, que lhe imprimia na face um osculo paternal; viu-se rodeada pelos officiaes que a felicitavam, entusiasmados pela sua energia varonil. E rindo e chorando ao mesmo tempo, n'uma embriaguez de felicidade inefável, ella murmurava:

— Sonhei. . . sonhei que os vira mortos. . . os meus ricos filhos. . . foi um sonho. . . um mau pesadelo, de que a Virgem me acordou. Graças lhe sejam dadas!

E relanceando a vista em torno de si, perguntou:

— João Reinol! João Reinol onde está?

O marinheiro afastara-se d'ella, sentindo um travo amargo no seu contentamento. Não fôra elle o salvador dos filhos de Ayres Corrêa, não

era a elle que pertencia o reconhecimento da venturosa mãe. Lembrava-se da promessa feita em tempos por ella: pertenceria em corpo e alma áquelle que lhe restituísse os filhos do seu amor. Sentia que se despedaçava, aos raios d'aquella ventura, a mais doce esperança do seu futuro. Ao chamamento d'ella, percebeu contudo que o egoismo da mãe não arrancara d'esse espirito inundado de jubilo a grata lembrança do seu devotado affecto. Sobresaltou-se-lhe o coração, mas hesitou em correr para ella, na sua humildade de mareante defronte d'aquelle triumpho em que tomavam parte capitães e fidalgos. Foi mister que o impelisse, entre risos de benevola zombaria, para os braços d'ella. E quando ouviu murmurar-lhe aos ouvidos essa voz querida: — Amigo! meu bom amigo! desatou a chorar a chorar. C'os diabos! dizia elle, « como se fôra uma valente borzeguiada dos mares da Guiné. »

Mas presto lhe voltou a consciencia zarga da inutilidade dos seus esforços para salvar as creanças; e dando com os olhos no vulto agigantado de Lisuarte Pacheco, julgou ver n'elle um escaerço do passado e uma ameaça do futuro. Vagamente, renasceu-lhe no intimo o velho odio mal apagado, e o marinheiro empallideceu.

Lisuarte pareceu tel-o comprehendido. A passos vagarosos, adeantou-se para seu pae que conversava com alguns officiaes, e, curvando um pouco a cabeça, exclamou em voz firme e bem audivel:

— Meu pae! tenho a pedir-vos uma mercê!

Todos se voltaram para elle, curiosos. E um calafrio sacudiu os membros de João Reinol.

— Dize, filho, redarguiu o capitão-mór.

— Alguma cousa feita para completar a vossa obra de justiça, senhor meu pae. Rogo-vos que premieis a dedicação sem limites de um valente marinheiro, que desinteressadamente se arriscou, vezes sem conto, pela salvação dos Filhos de Ayres Corrêa.

— João Reinol! exclamou Duarte Pacheco, fitando o marinheiro.

— Esse é, afirmou Lisuarte.

— Estorçado servidor de el-rei, experto mareante! Hei de fazer d'elle o mestre de uma das nossas caravelas, e dentro em pouco espero de o armar cavalleiro! D'essa massa se fazem os fidalgos, senhores officiaes! concluiu o capitão-mór. . . circumvagando a vista, onde rutilavam raios de nobre enthusiasmo.

— Senhor capitão mór. . . murmurou o Reinol, perturbado.

Mas Lisuarte abanou a cabeça, levemente pallida.

— Não é esse o premio que elle deseja, accentuou o mancebo gravemente. Ao pé d'elle está quem pode dar-lhe toda a felicidade d'este mundo.

João Reinol olhou para elle, pasmado Duarte Pacheco, sorridente, interrogava-o com o olhar.

— Sob os vossos auspicios, senhor meu pae, só Grimaneza poderá reconpensal-o como elle merece, dando-se a si propria; não é verdade, João Reinol?

A resposta do marinheiro foi correr para Lisuarte, tomando-lhe as mãos, e beijando-lhas, contra vontade do mancebo, com a voz embarçada pela commoção.

— E, pois um noivado que aconselhas, disse alegremente o capitão-mór; que dizeis a isto, Grimaneza?

Corada e hesitante, a rapariga baixava os olhos. A impudencia varonil do grumete Estevam desaparecera de todo, como os encrespamentos da superficie de um lago, ferida de chofre, e voltava a apaziguar-se na primitiva timidez de um coração feminino. Grimaneza ergueu finalmente o olhar, e cravou o primeiro em Lisuarte, com um sentimento de gratidão infinda. Depois voltou-o para Reinol, e muito commovida, murmurou:

— Paga pequena é essa para tamanho affecto. Mas. . . com que alegria lh'a dou!

— Ah! Grimaneza! bradou, esquecendo-se dos circumstantes, o radiante Reinol, ah! Grimaneza! que deito ferro em bom porto!

Uma gargalhada unisona acolheu a exclamação do mareante. Só um olhar o mordia, cheio de odio e de um despeito feroz: era o do Martim Calveiro.

Mas, como outr'ora n'aquella alegre madrugada do sertão, um bando de periquitos passava vindo do palmar fronteiro; e, verdes folhas aladas, os seus pipios estridentes acompanhavam o jubilo triumphante do João Reinol.

Dias depois, celebrava-se na pequena igreja da fortaleza, com assistencia dos principaes capitães portuguezes, o casamento de João Rabello, por alcuha o Reinol, e Grimaneza Sanches, o primeiro que entre christãos do occidente se realisava na India. Tudo era contentamento e felici-

dade; porém a festa foi inesperadamente perturbada por um acontecimento tragico.

Acabada a prédica feita pelo vigario, os noivos esbaram da fortaleza em direcção á praia. Iam embarcar para passarem á ilha de Vaipim, onde o capitão mór lhes tinha determinado a residencia. Receiava-se sempre uma vingança exercida clandestinamente pelos agentes do Samorim contra os pequenos Ayres e Antonio Corrêa. O caracter sagrado da ilha punha os mais ao abrigo de qualquer attentado, sobretudo estando sob a salvaguarda dos brahmanes que n'ella tinham os seus pagodes, e dos joguis que a tinham escolhido para a sua vida de abstinencia e de maceração ascetica.

Vestida de um brial de seda, com uma coifa de beirame sobre os cabelos anelados e curtos, um collar de ouro guarnecido de saphiras de Ceylão, pendentes de orelhas cravejadas de rubis do Pegu, Grimaneza, pelo braço de Reinol, excitava murmurios de admiração na turba de portuguezes e naires que tinham accorrido á praia para assistir ao embarque. Seguiam-na os dois filhos vestidos de gala, á europêa; e no meio d'elles viu-se a mucuá, com pannos de Sinabafo alvejanos, sem diluir nas alegrias d'aquelle noivado as nuvens negras da sua maternidade orphanada.

De repente, Grimaneza estremeceu, apertando convulsivamente o braço do marido. Sentiu como por suggestão magnetica, feril a de um olhar carregado de odio, prenhe de ameaças.

— Martim Calveiro! segredou ella indicando com a vista a figura esguia do homem d'armas, que via deante de si, entre a turba, tendo ao lado o seu inseparavel companheiro o Boca-Aberta.

O marinheiro sorriu-se encolhendo os hombros.

— Deixa o lá, murmurou elle.

Mas o Calveiro, percebendo que lhes attrahira as attentões, desfazia n'um sorriso contrafeito a expressão feroz do semblante, e segredava por sua vez para o Boca-Aberta, designando os filhos de Ayres Corrêa:

— Malditos! ainda vivos! temos de recomençar. . . e agora com mais cautella!

Respeitosamente, os noivos aproximaram-se do capitão-mór para se despedirem d'elle. Com a dupla auctoridade da velhice e da gerarchia, Duarte Pacheco abençoou-os. Depois voltou-se para o marinheiro, e exclamou:

— João Reinol, confio que em breve as vossas façanhas vos darão a cavallaria. Comprê que não seja villão o padrasto e tutor dos filhos de Ayres Corrêa.

O marinheiro inclinou-se, confuso.

— Beijo-vos as mãos por mais essa mercê, senhor capitão-mór, balbuciuo elle.

Mas subitamente na multidão dos naires operou-se um movimento de terror. Desviavam-se erguendo as espadas, erguiam gritos apavorados no meio dos quaes se distinguiam as palavras:

— Amouco! amouco!

Um naire de olhar esgazeados, com a cabeça completamente tonsa, ensanguentado e andrajoso, irrompia aos saltos, agitando um comprido punhal, para o meio do circulo formado em volta do capitão-mór. Seguiu-o uma mulher india, ainda nova e gentil, desgrenhada e coberta de adornos multicolores; de vidros e pedrarias grossas, como as bailadeiras.

Grimaneza e Reinol, n'um relance, reconheceram n'ella Lamkir, a sua dedicada companheira de jornada. O turgimão caleti, dando um grito de alvoroço, precipitou-se para ella, como para a proteger. Mas Lamkir soltou algumas palavras em malayalam, indicando vigorosamente ao amouco um ponto determinado entre a multidão dos portuguezes.

O naire levantou a cabeça, flectindo esse ponto. Os noivos tiveram a rapida visão do jangada que os acompanhára de Panany a Calcut. E antes que se precipitassem sobre elle os que se apresentavam para desarmal-o, o naire armou pulo, como um tigre das florestas indicas, na direcção indicada pela bailadeira, e, com um rugido espantoso de colera, cravou o punhal na garganta do Martim Calveiro.

O homem d'armas haqueou, sem dar um grito, espadanando ondas de sangue pela boca entreaberta, revolvendo n'uma derradeira convulsão as orbitas dos olhos esverdeados e torvos.

Furiosos e perdidos de terror, alguns portuguezes tinham saltado sobre o naire, golpeando-o inflexivelmente. Debalde o Reinol correu para lhe acudir, assim como o turgimão caleti. N'um relance, dando um brado rouco de feroz triumpho, o naire expirava ao pé da sua victima.

Preso e algemado immediatamente, a bailadeira fez as mais completas revelações, por intermedio do seu antigo companheiro. N'essa medonha narrativa evidenciaram-se as traições do Martim Calveiro contra os seus camaradas da feitoria. E

quando Lamkir mostrou as horríveis cicatrizes da sua mão, fructo da tortura aconselhada pelo portuguez traidor, um fremito de indignação percorreu os assistentes. Alguns mareantes, tripulavam sobre o cadaver ainda quente do Calveiro, cuspidos no rosto e lacerando-o, n'um phrenesi de rancor.

As declarações de Reinol completaram e corroboraram o depoimento da bailadeira. E as suspeitas d'elle e as de Lisuarte, sobre a veracidade do naufragio do zambuco, alastraram com força todos os espiritos. Procurou se o Boca-Aberta, que se havia sumido, cheio de medo. Encontraram-n'o occulto n'uma almada, onde tentava evadir-se. Trazido á presença do capitão-mór, ameaçado de tormentos, fez uma confissão tenebrosa, no meio de prantos em que lançava toda a culpa sobre o cumplice.

Reconheceu se que as desventuradas creanças mucuás haviam sido estranguladas pelos dois miseráveis, na supposição de que eram os filhos de Ayres Corrêa. Haviam lhes lançado ao mar os cadáveres, inventando aquella historia de naufragio, com todas as apparencias de verosimilhança.

Quando tal percebeu, a mulher mucuá, a triste mãe, teve um accesso de furia formidavel. Foi mister empregar todos os esforços para impedir de se lançar sobre o Boca-Aberta e trucidal-o com as unhas e os dentes.

Mas Duarte Pacheco não lhe recusou de todo a consolação da vingança. No dia seguinte, ebria de jubilo inexoravel, via ella estrebuxar no lais de uma verga a figura repelente do assassino de seus filhos, enforcado por justiça do capitão-mór.

Do outro lado do rio, debaixo dos palmares copados da ilha de Vaipim, Grimeneza e Reinol assistiram de longe ao supplicio, enquanto os filhos de Ayres Corrêa brincavam descuidosamente na praia, junto do fiel Hadji. Quando se extinguiram as derradeiras convulsões no corpo pendente do Boca-Aberta, ella fitou demorada e enternecidamente as creanças; depois voltou o olhar para a physionomia franca e radiante do marinheiro; e, lançando se lhe nos braços, exclamou:

— Ninguém m'os roubará agora: somos dois a defendel-os!

A aragem soprava branda da terra; e das selvas distantes vinham os perfumes capitosos d'essa India mysteriosa e deslumbrante, que fascinava os heroes e attrahia o Occidente.

H. LOPES DE MENDONÇA.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUIZIÇÃO DE LISBOA

VII

A prisão de Villa Real foi sem sequestro de bens; assim está notado no auto competente. Chgado a Inquiisição em companhia do familiar, veio logo um secretario da Mesa tomar a entrada do preso e o alcaide dos carcerees tomar entrega d'elle com dois guardas. Depois, sendo revistado, encontraram-lhe dois mil e sessenta réis e dois anneis de ouro: um com dois diamantinhos e uma pedra vermelha e outro com dois diamantinhos; o que tudo foi entregue a Pedro Lupina Freire, notario e thesoureiro da Inquiisição. Feito isto, o alcaide levou o com dois guardas para o carcere.

A 4 de Novembro, cinco dias depois de preso, compareceu Villa Real diante dos seus juizes, acompanhado por um guarda. Era a casa da Mesa do Despacho bastante espaçosa, e posta em lugar resguardado, de maneira que de fóra não se podia ouvir nada do que dentro se passava. Forravam-a pannos de rax, que no verão se substituiam por guadamecins, e tinha em roda varias cadeiras de espaldas e razas. Sobre um estrado de quatro dedos de altura via-se uma grande mesa coberta de coiro preto e vestida até ao chão de damasco carmesim, na qual estavam: um misal para os juramentos, uma taboa com a oração do Espirito Santo, os Regimentos do Santo Officio e do Fisco, o Collectorio das Bulas Apóstolicas e Privilegios da Inquiisição, alguns tinteiros de prata e uma campainha. Esta mesa tinha três gavetas, onde os três inquisidores que assistiam ás sessões guardavam os seus papeis debaixo de chave. Cercavam a algumas cadeiras. Havia mais um banco para os réos e na parede em frente d'este uma imagem de Christo crucificado. Rêndidos os inquisidores, disse o mais antigo a oração do Espirito Santo, e começou a audiencia. Chamava se esta primeira: sessão da genealogia. Pre-tou o réo o competente juramento de dizer a verdade, e, interrogado pelos seus juizes, depoz qual sua cidade: quarenta e um annos, e quasi seus paes, naturalidade, parentes, mulher, empregos e serviços, o que tudo já sabemos, na parte que nos cumpre, tirado d'este mesmo logar; e que sua mulher se ausentara, havia pouco, de Ruão para Italia, induzida por Pedro Lopes Henriques, christão novo, morador n'aquella cidade, casado com uma parenta da mesma, levando tambem sua filha unica, Violante, as quaes, por Pedro Lopes não ser catholico, tentia se pervertessem; e que elle Villa Real, baptizado e chrisnado como christão, fazia como tal todas as obras; e n'isto para o provar, por ordem

dos inquisidores, ajoelhou, persignou-se e rezou o padre nosso, a ave-maria, o credo e a salve-rainha, e repetiu os mandamentos da lei de Deus e os da santa madre igreja. Quanto ao motivo porque estava preso ignorava-o; mas suspeitava provir das accusações de alguns dos seus inimigos, e sobretudo de frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, o qual jurara vingar-se d'elle por desavenças que tinham tido em França. Acabado o depoimento, foi admoestado para dizer todas as suas culpas. Esta era a primeira admoestação.

Eram os carcerees de vigia uns carcerees especiaes e assim chamados porque tinham dois pequenos orificios imperceptiveis ao preso, d'onde o vigiavam dois empregados, que se rendiam a horas determinadas. Suppondo estarem sós e fechados a todas as vistas nos seus quartos, os pobres christãos novos atreviam-se a praticar as ceremonias e leis da religião judaica do mesmo modo que as praticavam nas proprias casas, unicamente com a diffrença de as amoldarem ao logar e ao aperto das circumstancias; mas, ao revez do que imaginavam, todos os seus actos, até os mais insignificantes se observavam e depois escreviam e ratificavam perante a Mesa. N'um d'estes carcerees é que encerraram Villa Real, como vimos.

Os primeiros dias passaram sem novidade; nem a vigia foi constante; chegou porém quinta feira 11 de Novembro e o réo fez um jejum judaico, posto não provado em fórma; pelo que, d'alli em diante, a vigia começou desde pela manhã e continuou todo o dia ininterruptamente. Na quinta feira seguinte, 18, Villa Real fez novo jejum, e esse provado em fórma. Vejamos como se passaram as coisas n'esse dia. Entraram n'elle de vigias, de manhã desde as seis horas até ás doze, os guardas José Pires e Francisco de Rezende, e de tarde, desde as doze horas até depois de anoitecer, os familiares Francisco Rodrigues e Luiz Franco. São tão curiosos e tão pouco do maior numero conhecidos estes mysterios da Inquiisição, e pintam-nos tanto ao vivo a existencia dos presos nos carcerees e a minuciosidade com que eram espreitadas e pesadas as suas minimas acções, que não nos furtamos ao trabalho de resumir aqui os depoimentos do guarda José Pires e do familiar Francisco Rodrigues, com o que daremos uma ideia do primeiro jejum, porque os depoimentos de ambos completam o dia.

Na dita quinta-feira, 18, sendo entre as cinco e as seis horas da manhã, de ordem do alcaide, subiu José Pires a vigia que cahia sobre a segunda casa do Pateo Velho, juntamente com o seu companheiro, e, pondo os olhos n'aquella, viu um homem que na mesma casa estava preso, só, e a quem não sabia o nome, nem d'onde era natural, ao parecer, de quarenta annos, de estatura ordinaria, nem gordo, nem magro, e que, havia pouco tempo, entrara para os carcerees. Estava ainda na cama e n'ella esteve até as nove horas. Então vestiu camisola lavada; levantou-se; vestiu ceroulas lavadas e escarpins; acabou de arranjar-se, e lavou as mãos, mas não o rosto nem a bocca (actos que fez outros dias em que o mesmo guarda foi a vigia e observou que o preso lavava a cara e gargarejava com agua e a bebia); depois an'ou passeiando, pondo-se algumas vezes ao pé da porta, como que a escuta, e deitou-se um pouco na cama. N'isto gastou o tempo até lhe trazerem o jantar, que era carneiro cozido. Já tinha Villa-Real disposto a mesa em um tanho; depois cobriu-o com um guardanapo; foi buscar pão e passas; tirou a carne do caldo; deitou-a n'uma palangana; limpou a dos ossos; botou-a ao gato cortada em bocadinhos e o caldo na quarta da immundicie; guardou na tigella em que estivera a carne os ossos e umas migalhas de pão, que untou com uma colher, para parecer que eram sopas que haviam sobejado; e collocou a a porta, não consentindo que o gato comesse aquellas migalhas, até que vieram os guardas e levaram a loiça. Levantara o preso a mesa, porém antes que elles entrassem teve o cuidado de pol-a outra vez, para julgarem que estava ainda comendo. Feito isto, estendeu-se em cima da cama e ahí heou algum tempo e ergueu-se e passou até um quarto depois do meio dia. A esta hora retirou-se da vigia o guarda José Pires, e immediatamente subiu a ella o familiar Francisco Rodrigues com seu companheiro, e viu que na dita segunda casa andava passeiando um homem (de que dá os signaes), o qual continuou passeiando até perto da uma hora; em seguida ch-gou a porta e applicou o ouvido, como escutando; deitou-se algumas vezes na cama, porém sempre muito esperto e sempre como que esperando ouvir alguma coisa; bateu na parede quatro ou cinco vezes com um paosinho; mas ninguém lhe respondeu pelo mesmo modo; n'isto gastou o tempo até lhe trazerem luz, por ser quasi noite; perto das sete horas e tendo o céu já estreilas, estendeu um panno sobre um tanho; poz n'elle um pedaço de pão, passas e peros, e começou a ceiar, bebendo duas vezes de vinho, que tirou de um barril, e em que botou agua; acabava a refeição, levantou-se, sem dar graças a Deus, nem benzer-se; quando soaram as avarias estava deitado n'a cama, sem que então rezasse, nem descobrisse a cabeça, nem fizesse outra reverencia alguma.

(Continúa).

RAMOS-COELHO.



REVISTA POLITICA

Estamos em divida para com um dos nossos collegas da capital, A Nação, pelas palavras amáveis com que precedeu a transcripção de uma das nossas ultimas revistas, dando-lhe o titulo de *Verdades como punhos*.

Se a transcripção da nossa desprezenciosa revista, em que só dizemos o que sentimos a respeito do que se vae passando, sem paixão politica nem partidaria, mas simplesmente segundo o nosso criterio, é para nós uma honra inapreciavel, mais nos obriga ainda e muito nos alegra o lermos as palavras, *Verdades como punhos* com que a illustre redacção d'aquelle jornal entendeu dever preceder o nosso artigo, porque isto nos dá a consolação de encontrarmos quem partilhe das nossas idéas e não tenha duvida em reconhecer a verdade das nossas palavras.

Mas como se ainda não bastasse esta consolação, vamos encontrar, no *Diario Popular*, n'estes ultimos dias, uns artigos que, a proposito do caso de Kionga, recorda e faz a critica das causas da decadencia de Portugal, n'estes ultimos annos, encontrando se em muitos pontos com o que aqui temos escripto mais de uma vez.

Decididamente estamos em sorte e com quanto isto possa satisfazer a vaidade d'este burro fragil, antes quizeramos ter motivo para não nos applaudirmos, porque acima de toda a nossa vaidade, presamos muito mais o engrandecimento da patria porque assim seria maior a vaidade de todos os portuguezes, e nós cá teriamos o nosso quinhão com bem fundadas razões.

Uma coisa ha, porém, nos artigos e que nos referimos, que nos surprehe e faz pensar, e é esses artigos pela forma porque estão escriptos, revelarem a penna de um ex-ministro da corôa, sobre o qual pesaram e pesam ainda as mais graves accusações.

Parece que d'este estadista não poderia dizer o grande parlamentar José Estevão o que disse áquelle ministerio a quem elle jogava o ultimo bote decisivo da sua eloquencia, n'estas palavras memoraveis: *O ministerio morre impenitente*.

No entanto nem tudo é o que parece, e se o glorioso parlamentar fosse vivo, talvez tivesse coisas ainda mais feias para dizer ao ex-ministro da corôa, que tão imprprioamente pretende invergar o habito de penitente quem o tem das ambições da vida.

Põe o articulista bem em relevo as desgraças da patria e aponta as causas como quem bem as conhece, nas seguintes palavras que transcrevemos sem alteração d'uma virgula:

«Mas um povo não se declara impunemente fallido á face do mundo culto, especialmente se esse povo é pequeno de territorio e fraco de forças, quando a sua fallencia não provém de causa de força maior, imperiosa e invencivel, como poderia ser uma lucta pela independencia, uma demorada guerra civil, uma epidemia prolongada, um cataclysmo, emfim, que profundamente alterasse as suas condições normaes de vida.»

É verdade. Não teve nenhuma d'essas causas a determinarem a fallencia, mas o articulista esqueceu-se de acrescentar:

«Teve me a mim e a outros administradores assim como eu — alguns até já morreram em cheiro de santidade de acabarem pobres, não obstante legarem algumas centenas de contos — que reduzimos o paiz a isto.»

Mas nem tudo lembra e a consciencia é em muitos tardinha para que se accuse promptamente ao primeiro exame.

Continua o penitente:

«Vemos, porém, que chegámos a um ponto em que, depois de termos feito bancarrota, não pagando senão uma parte dos juros da nossa divida; depois de termos lançado pesadas deducções sobre os ordenados do funcionalismo; depois de termos sensivelmente reduzido os rendimentos dos hospitaes, das misericordias, dos monte pios, dos passaes; depois de termos aggravado todos os impostos; depois de deixarmos do todo arruinar as estradas; cahir os edificios publicos; depois de calotear os empreiteiros e fornecedores; nos vemos na dura extremidade de ter de vender as obrigações dos tabacos para pagar os coupons de outubro e janeiro. E por cima de tudo isto o deficit implacavelmente se avoluma e resurge do mesmo modo e sempre assustador. Desde que chegámos a este ponto, ou antes, desde que continuamos no mesmo ponto, ponto cada vez mais critico, ponto cada vez mais terrivelmente sinistro, parece-nos indispensavel, parece nos urgentissimo, olhar com olhos de ver para o dia d'amanhã, porque a apparencia serenidade dos animos, a apathica indifferença dos espiritos, e como que inconsciencia publica, hão de inevitavel e terrivelmente transformar-se em energias demolidoras, quando surja inopinadamente o fatal *aies irae*. E esse dia é aquelle em que o thesouro não possa pagar a ninguém.»

Chegados a este ponto, vem naturalmente esta pergunta:

Onde tenciona estar o bom do penitente n'esse dia?

João Verdades.

TYPOS POPULARES



I

O ROMÃO SINHO

(Ao meu bom amigo Antonio da Costa Rodrigues)

Quando uma pessoa vai pela primeira vez a Cacilhas, no louvável e innocente proposito de subir a encosta do Ginjal, para do Alto do Castello de Almada se extasiar na contemplação do soberbo panorama da cidade, talvez o mais bello do mundo, fica surpreendida e atordoada no meio de uma horda de selvagens indigenas que a agarram ao desembarcar e a não deixam dar um passo sem pagar o pesado tributo de ser transportada.

Esses selvagens dividem-se em duas tribus, a dos cocheiros e a dos burriqueiros.

A primeira aspira simplesmente a desconjunctar-nos os ossos, dentro d'umas caixas immundas a que dá o nome de trens; a outra contenta-se em nos bifurcar n'uma enxerga enorme, debaixo da qual apparece a cabeça melancolica d'um burro paciente e resignado; e n'essa posição ridicula e em passo cadenciado passeiam-nos pelas ruas da villa no meio das chufas e dichotes dos seus naturaes.

Longe porém d'essa turba assustadora, que nos aperta, acotovella, ensurdece e esfarrapa, vê-se um homem alto e magro, figura robusta e valida, os olhos encovados, a cor terrena e palida; os cabellos crespos; a boca negra, os dentes amarellos, como a miniatura do inconsolavel Adamastor, ou como uma personagem transportada para a vida real, d'uma das telas sublimes de Goya.

É o Romãozinho.

É o aspecto d'aquelle todo que desagradavelmente nos impressiona á primeira vista, sem pretenções a homem, sem correcção de postura, sem vislumbres de alegria, sem ambição de adquirir e sem receio de perder, traduz as estancias dolorosas e sentidas que dilaceraram aquella alma candida e pura, quando o tufão da desgraça lhe apagou a estrella luminosa que o guiava na vida sonhadora da sua mocidade.

Aquella barba incorrecta, aquelle olhar abstracto, como quem procura o que já não pôde achar, aquella expressão fria e desdenhosa, aquella figura exotica e repellente, aquelle homem, emfim, aspero e rude que afugenta e enfastia, lembra as ruinas amarellecidas e abandonadas d'um formoso edificio, que d'antes tivesse abrigado a alma inspirada d'um poeta, ouvindo o contar os magicos encantos das rubras alvoradas, os longos desmaios dos crepusculos nas tardes amenas do estio

e as indefinidas tristezas das noites frias e luminosas, em que as aves caçadas se aconchegam nos ninhos e a lua se revê nas aguas azuladas d'um lago transparente e calmo.

Pobre Romãozinho.

De tantos que por ali passam, poucos ha que fossem capazes de sentir os echos tristes d'esse amoroso coração na hora angustiosa da sua desventura indefinida.

E, se acaso alguém lhes contar a causa da tua desalentada magua, responderão com um sorriso imbecil e desdenhoso por esse grande sentimento do amor que tu possuiste e que elles não comprehendem, porque Deus não o concede aos infimos grilhetas da materia.

E como é simples a historia d'este paria! E como se conta em duas palavras um longo drama de angustias!

Fôra de pequeno creado no mar. Aos vinte annos era dos trabalhadores mais estimados e respeitados do sitio.

Vestia com um primor e graça pouco usado então na sua classe, e aos domingos nenhum dos seus collegas, assistia com mais donaire á missa parochial, nem passeava depois pelas ruas, atrahindo com elle os olhares soffregos das raparigas d'aquelle tempo, por quem parecia ter uma grande indifferença.

Amava o mar, seu mestre na lucta, e a canôa, a melhor garantia da sua independencia.

Mas um dia viu descer até elle o olhar meigo e acariciador d'uma formosa mulher que lhe offercia com os labios sensuaes e sequiosos de beijos os delicados perfumes das flores de laranja da sua corôa de noivado, e um risonho futuro de sonhos voluptuosos, de francas alegrias sinceras, de ineffaveis encantos dulcissimos, de tudo emfim que constitue a felicidade suprema na vida.

E na doce contemplação d'esse formosissimo vulto elle sentia o seu espirito inundado de toda a santa poeira do ceu.

E o seu braço forte de athleta invencivel, e a sua alma generosa embalada desde a infancia pelas infinitas harmonias do mar, uniram-se para dar áquella adorada creatura todo o bem estar e felicidade de que a achava digna. E ella em paga murmurava-lhe ao ouvido com a sua voz enamorada umas phrases tão meigas que lhe tortaleciam o espirito e alegravam o coração.

Pouco durou esse amoroso idyllio.

Essa adorada mulher que elle tinha engrinaldado com as mais delicadas flores da santa poesia da sua alma, desapareceu-lhe um dia, inesperadamente... como viera... qual branca visão d'uma ballada de Ossian!...

O que se passou então n'aquelle coração dilacerado, não ha palavra humana que o exprima. Elle proprio não o soube contar; d'aquelles labios contrahidos nunca sahiu uma queixa... d'aquelles olhos abstractos nunca rolou uma lagrima.

O mundo passou a ser para elle um arido deserto, onde se sentia morrer á mingua d'uma consolação e d'uma esperança.

O mar, o seu velho amigo, a quem d'antes contava os segredos intimos da sua alma, radiante de felicidade, ao percorrer lhe o dorso dourado pelas tremulas scintillações do sol; a aragem que lhe enfunava o latino branco de seu barco, os amigos intimos que encontrava, os perfumes dos campos por onde vagueava dias inteiros, os murmurios das aguas, os cantos das aves a felicidade dos ninhos, o sussurro do vento, os echos sonoros das grandes solidões, as emanações balsamicas das flores que se misturam na atmosphera, tudo emfim que a natureza nos offerce nas alegres palpitações da vida, tudo lhe trazia á memoria essa divina imagem de que jámais se podia esquecer.

A's vezes entrava no templo, e os cirios fulgurantes dos altares, e os canticos tristes das ceremonias e as preces cadenciadas que sobem ao ceo entre nuvens de incenso, e toda aquella uncção religiosa, combinava-se já tão pouco com a sua descrença atroz, que sentia o coração estalar mais, fibra a fibra, como as cordas metallicas d'um salterio em tristes vibrações harmoniosas.

Um dia bebeu, e o vinho fel o perder por alguns momentos a consciencia da sua desgraça.

Desde então nunca mais deixou de pedir a esse liquido que alegre e entristece, que inspira e desvaira, que arrebatava e narcotiza, o lenitivo supremo d'uns minutos de inconsciente alegria, prologo de horas benéficas de descuidado e profundo adormecimento.

E assim se vai finando dia a dia, n'um suicidio lento, esse grande desgraçado.

.....
Como eu te comprehendo bem, meu pobre Romãozinho!...

Tu és uma bella estrophe realista do eterno poema da desgraça e do amor.

Libanio Baptista Ferreira.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.—13 serie—N.º 3 e N.º 4.—Contem estes dois volumes, o primeiro *Cartas escriptas da America de 1882 a 1883* pelo nosso chorado amigo e antigo collaborador A. Lopes Mendes; o segundo encerra documentos do quinto centenario do nascimento do Infante D. Henrique.

Uma bella carta, muito bem elaborada, do Limpopo (territorio ao sul do Save e os vatuas) por Alfredo Augusto Galdas Xavier. *Documento de Moçambique*, preciosos e importantes para o estudo dos uzos e costumes religiosos das nossas colonias no seculo XVII, e salvos da destruição pela formiga branca pelo dignissimo coronel da guarnição de Moçambique o sr. Joaquim José Lapa.

Archivo dos Açores.—publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da HISTORIA AÇORIANA. Numero 74. Decimo segundo volume. 1894. Ponta-Dealgada—Ilha de S. Miguel—Typ. O archivo dos Açores.

Temos sobre a nossa carteira, mais este tomo da preciosa colleção *Archivo dos Açores*, contem documentos muito interessantes e curiosos para a historia do archipelago. A pagina 480 encontramos a leitura de um documento publicado a pag. 368—feita pelo nosso erudito collega sr. Jacintho Ignacio de Brito Rebelo.

O Instituto.—*Revista scientifica e litteraria.* Volume XXI—Maio de 1894 Terceira serie N.º 11, Coimbra Imprensa da Universidade; cujo summario é o seguinte: José Galdas, D. fr. Bartholomeu dos Martyres.—José Benevides, Um projecto de lei e a responsabilidade na gerencia das sociedades anonymas.—Manoel Rodrigues da Silva Pinto, Joaquim Pinto de Azevedo, Alberto de Almeida Magro, dr. Agostinho Antonio do Souto e Antonio Joaquim Ferreira da Silva, O caso medico-legal Silva Pereira.—M. Paulino d'Oliveira, Catalogue des coiteoptères du Portugal —Visconde de Seabra, Pontifices de Ovidio Nasão (*poesia*).—Julio de Castilho, Memorias de Castilho e D. Antonio da Costa. Quadro biographico-litterario.—Sousa Viterbo, O movimento typographico e litterario em Coimbra no seculo XVI. Todos estes artigos são de valor e á altura daconceituada revista que os publica.

Relatorio dos actos da direcção da Associação Commercial do Porto. Anno de 1893. Porto 1894. Recebemos este valioso annuario dos actos da importante Associação Commercial do Porto. Está dividido em duas partes, e é acompanhado de uma phototypia representando a secção portugueza de vinhos na exposição universal de Chicago; de 26 mappas do movimento economico e commercial da praça do Porto no anno de 1893. No decorrer encontram-se proficuentes artigos sobre as medidas financeiras do actual governo e queixas da classe commercial contra ellas. A dissolução violenta da Associação Commercial e outras associações de Lisboa, facto sem exemplo no nosso paiz.—Morte de João Henrique Andresen, socio honorario—Centenario do Infante D. Henrique—Sessão solemne da Associação—Relatorio do delegado da Associação na exposição de Chicago; e, um formoso discurso de Pinheiro Chagas.

Na 2.ª parte encontra-se a correspondencia mais especial da Associação, constituindo o presente volume um riquissimo archivo para a historia economica do nosso paiz.

A redacção do presente relatorio faz honra ao seu auctor o dignissimo 1.º secretario da Associação o Ex.º Sr. Antonio Ramos Valente.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª